



Crise da Rural: Portella critica ação da reitoria

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Educação, Eduardo Portella, manifestou ontem desagrado pela maneira como o reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arthur Orlando Lopes, está atuando para resolver a crise com estudantes e professores, e lamentou que o MEC não tenha poderes para intervir na crise.

Através de declarações de seu chefe de gabinete, Hélcio Ulhoa Saraiva, o ministro deixou claro que, se tivesse competência legal para intervir na universidade, já o teria feito, buscando, com a intervenção, restabelecer a ordem e os trabalhos na universidade. Mas a competência de intervir é do Conselho Federal de Educação, após inquérito administrativo.

A declaração do chefe de gabinete do MEC foi a seguinte:

— Quanto ao problema da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o que tenho a dizer é que o senhor ministro não está, de maneira alguma, satisfeito com a atuação do reitor da UFRRJ.

— A atuação do reitor, segundo entende o MEC, não está de maneira alguma colaborando para a manutenção da ordem interna da universidade e para a solução dos problemas que se acumulam durante várias semanas, atuação essa que — entende o senhor ministro — destoa da atuação dos demais reitores das universidades brasileiras, que têm conseguido, através do diálogo e da procura de soluções, suplantir problemas de conflito com os estudantes e professores.

— Especificamente no caso da UFRRJ, tivesse o senhor ministro competência legal para intervir na universidade, ele já o teria feito, buscando, com a intervenção, restabelecer a ordem e os

trabalhos da universidade. A competência de intervir é do Conselho Federal de Educação, após inquérito administrativo.

A SITUAÇÃO

A crise na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — que tem 4.500 alunos — começou em novembro do ano passado, com a demissão do professor Walter Motta, acusado pelo reitor de insuflar os estudantes contra a administração da entidade. Professores e estudantes consideraram o ato de demissão "arbitrário", dizendo serem falsas as alegações do reitor. Diante disso, os estudantes entraram em greve, o que surtiu pouco efeito, pois o ano letivo estava praticamente encerrado. Os professores, no entanto, resolveram manifestar seu protesto, retardando a entrega à reitoria dos créditos dos alunos (resultados de provas finais). A este movimento o reitor reagiu abrindo inquéritos administrativos e convocando a Polícia Federal para ouvir os implicados. A atitude do reitor provocou mais protestos de alunos e professores que, há cerca de dois meses, estão em greve.

Logo no início da greve, uma comissão de alunos procurou o ministro Eduardo Portella, pedindo que ele atuasse junto ao reitor, no sentido de este restabelecer um diálogo com professores e estudantes. Ao longo dos dois últimos meses o reitor Arthur Orlando Lopes esteve várias vezes no MEC, ora conversando com o ministro, ora conversando com o secretário de Ensino Superior, Tarcísio Della Senta. Desde o início o ministro Eduardo Portella manifestou-se contrário à presença da Polícia Federal na UFRRJ, por entender que não se tratava de caso para um inquérito policial. Além disso, deixou claro que uma universidade deve ter autonomia para resolver questões internas sem recorrer a elementos estranhos.